

O carácter não-axiomático das antinomias saussureanas

José Teixeira

ILCH- Universidade do Minho

A visão tradicional

Praticamente todos os programas que têm por função ser o ponto de arranque para a abordagem dos fenómenos linguísticos, começam por situar em Ferdinand de Saussure um dos momentos a ter-se em conta. É evidente que isto não pressupõe que o pensamento saussureano deva ser visto como um conjunto definitivo de dogmas sagrados. Bem antes pelo contrário. Se muito do que Saussure disse é hoje questionável ou mesmo ultrapassado, não deixa de ser também verdade que ao linguista suíço nunca ninguém tirará o mérito de ter sido pioneiro de uma grande viragem nos estudos linguísticos, sobretudo através das novas perspectivas metodológicas que entreabriu.

No entanto, e apesar disto ser comumente aceite, vê-se, muitas vezes, o pensamento de Saussure como um conjunto de axiomas indemonstráveis: as famosas antinomias saussureanas. A ideia com que se fica é que o linguista de Genebra propôs uma série de conceitos que deveriam ser aceites para se fundamentar qualquer estudo linguístico.

Ora isto não é verdade. Até porque as ideias que Saussure propõe não são novidades, nem o foram sequer para o seu tempo. Como afirma Tullio de Mauro na «Introdução» à sua edição crítica:

«Termi e istanze di indagine che oggi giudichiamo tipicamente saussuriani circolano in tutta la cultura del secondo Ottocento.» (SAUSSURE 1974:VII)

O mérito de Saussure não está, por conseguinte, em ter proposto ideias completamente novas, mas antes em reunir uma série de perspectivas já conhecidas e estruturá-las de um modo coerente. A questão da arbitrariedade, bem assim como a da

diferença entre o que é linguística histórica e linguística de um determinado período de uma língua, ou ainda outros temas como a separação entre o uso da língua e a língua propriamente dita, tudo isto são distinções já conhecidas na altura de Saussure. Ele não as inventa a partir do nada. Tem no entanto a intuição de quais devem ser as bases de que deve partir um estudo que pretenda debruçar-se sobre os fenómenos da linguagem.

Admissível será, nesta ordem de ideias, que entre aqueles pressupostos básicos que estão na origem das ciências linguísticas, tal como hoje as entendemos, haja um fio condutor, uma ligação lógica. Ou seja: Saussure parte de uma noção básica de unidade linguística (o signo) que para ele se caracterizava essencialmente como sendo arbitrário; e depois, então, todas as outras características do signo e da língua são consequências dessa particularidade primária.

A finalidade das reflexões à frente propostas é tentar mostrar como todas estas noções e fundamentos de uma teoria geral da linguagem não são ilhas autónomas, mas antes concepções que fazem parte de uma estrutura coerente ligada pela característica fundamental do signo linguístico: a arbitrariedade.

O fio condutor: o conceito de arbitrariedade

Saussure começa por analisar a natureza do signo linguístico. E o primeiro princípio que assinala é o da **arbitrariedade**. A natureza arbitrária do signo é, para Saussure, o ponto base, o alicerce em que uma teoria sobre a língua deve assentar. Na verdade, mesmo na redacção final do *Curso de Linguística Geral*, Saussure vincula muito firmemente esta faceta do signo, dizendo que

«o princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua»
(SAUSSURE 1978:125).

No entanto, os editores talvez não tenham compreendido toda a importância deste princípio como elo de união na estrutura do pensamento saussureano. Se dermos uma olhadela pelas fontes a que eles tiveram acesso para a redacção do *Curso*, talvez consigamos chegar mais próximo do pensamento do mestre suíço. Podemos servir-nos, igualmente, de textos desconhecidos dos editores e que também aparecem na edição crítica do *Curso* de Rudolf Engler.

E são precisamente todos esses textos (fontes do *Curso* e outros textos contemporâneos, normalmente apontamentos de alunos de Saussure) são esses textos, dizíamos, que nos fazem ver a importância que Saussure atribuía ao princípio da arbitrariedade entre todos os factos da língua.

O próprio título deste capítulo é sintomático: «*Primeiro princípio*». E temos que compreender que «*primeiro*» não pode ser tomado apenas numérica e ordinalmente, mas sobretudo tem que ser interpretado na ordem da importância. É isso mesmo que as fontes do *Curso* nos confirmam, já que aí o título completo é «*Premier principe <primaire>*». Na redacção final do *Curso* não se encontra muito vincado o carácter hierárquico que este princípio possui. Os editores não inseriram a seguinte afirmação que aparece em duas das fontes (e ainda em outros textos, deles, à altura, desconhecidos):

«La place de cette vérité-là est tout au sommet. Elle apparaît comme crevant les yeux.» (SAUSSURE 1968:153)

Nas fontes dos editores (e com confirmação em textos de outros alunos) surge-nos este princípio da arbitrariedade entendido numa perspectiva muito radicalizada:

«le lien unissant le signifiant au signifié est radicalement arbitraire.»
(SAUSSURE 1968:152)

O advérbio «*radicalement*» está sublinhado.

Ora perante esta faceta tão vincada por Saussure, é lícito e metodologicamente aconselhável perguntarmo-nos: o que é que se deve entender por «*carácter arbitrário*» do signo?

A resposta que imediatamente costuma saltar é que o signo é arbitrário porque não há relação directa, intrínseca, naturalmente motivada, entre a parte fónica (o significante) e a parte significativa (o significado); ou, como diz também Saussure, entre a imagem acústica e o conceito. Neste sentido, «*arbitrariedade*» é o oposto de motivação onomatopaica do signo.

E é fundamentalmente esta a noção de arbitrariedade que transparece do texto do *Curso*. Será curioso, até, notar que o próprio texto final da obra é, naturalmente e por hábito, menos extenso do que o das fontes; no entanto, quando se fala da motivação

onomatopaica, dá-se o inverso: o espaço físico ocupado pelo texto final da responsabilidade dos editores é muito mais desenvolvido do que o das fontes. Isto indica, obviamente, que os editores tomaram e desenvolveram pela sua própria iniciativa a noção de arbitrariedade como o oposto de «*motivação linguística*».

A ser apenas isto, contudo, não se percebe o porquê da importância **radical** da arbitrariedade, nem o seu domínio (como afirma Saussure) sobre **toda** a linguística.

A arbitrariedade, nesta perspectiva, era já no tempo de Saussure um conceito pacífico. Aliás, no próprio texto do *Curso de Linguística Geral* afirma que «o princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém» (SAUSSURE 1978:125). Não se percebe, a ser assim, o porquê de Saussure ter feito tamanho finca-pé nesse mesmo princípio.

Tudo isto vem confirmar que o conceito de arbitrariedade do signo não pode ser apenas visto como o oposto de motivação onomatopaica. Terá que ser um princípio que tenha implicações em todas as redes do sistema linguístico. Caso contrário, identificar-se a arbitrariedade do signo linguístico como a relação não-motivada entre significante e significado, levará a conceber a língua como uma **nomenclatura**: um conjunto de significantes ligados, um a um, a outros tanto significados. Ora Saussure repete várias vezes a oposição que a Linguística deve fazer a esta perspectiva e faz da arbitrariedade o princípio estruturador de toda a sua teoria linguística:

«O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; mas é muitas vezes mais fácil descobrir uma verdade do que conceder-lhe o lugar que lhe compete. O princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua; as suas consequências são inesgotáveis. É certo que nem todas aparecem com igual evidência a uma primeira abordagem; só as descobrimos depois de várias tentativas e só então alcançamos a importância primordial do princípio.» (SAUSSURE 1978:125)

Qual é, então, a mais importante faceta da arbitrariedade? Em que aspectos deve ser entendida?

Na redacção final do *Curso* não aparece, como há pouco referimos, bem explícita esta segunda faceta da arbitrariedade. Para a percebermos, teremos que olhar para muitas das antinomias saussureanas e tentar compreender não só o porquê da sua

apresentação, mas igualmente a ligação que entre elas existe. Ora essa ligação que faz com que as mesmas antinomias não sejam ilhas dispersas, mas antes consequências de uma verdade primeira funcionando como um princípio estruturador - essa ligação, como se dizia, é dada pelo mais «autêntico» conceito de arbitrariedade.

Para Saussure, como há pouco se afirmou, reveste-se da maior importância o facto de a língua não ser uma nomenclatura. Caso contrário, entre os elementos que a compõem não haveria relações de sistema, mas apenas relações de contiguidade dentro de um super-agregado de palavras, que constituiria, no fundo, cada língua. Ora como a língua não é uma nomenclatura; nela não há uma correspondência unívoca entre **um** significante e **um** conceito. Isto equivale a dizer, no fundo, que não só os significantes se «estruturam» (entre aspas, já que Saussure não empregava a palavra *estrutura*, mas *sistema*) para «denominarem» a realidade que a língua conceptualiza, como também os próprios significados se organizam para abarcarem a «realidade conceptual» a que se referem. Em consequência, as fronteiras existentes, quer entre os significantes, quer entre os significados, não são rígidas, positivas e imutáveis, mas flexíveis, negativas e mutáveis. Ou seja: cada unidade linguística pode alargar ou restringir as suas fronteiras dentro do sistema. Por isso, é que Saussure ao dizer que uma unidade linguística é aquilo que as outras não são, pretende vincar o facto de um significante e um significado se distinguirem dos outros significantes e significados pelas diferenças que relativamente a eles mesmos mantêm. Ora as relações entre os elementos que constituem estes dois planos da língua (e no final de contas, entre os signos em geral) são relações **contingentes**: hoje são umas, amanhã podem ser outras.

Para demonstrar isto, poder-nos-emos servir de fenómenos quer inter-linguais (verificados entre línguas diferentes) quer mesmo intra-linguais (que se passam, por conseguinte, dentro de uma única língua).

A própria comparação entre línguas diferentes serve à saciedade para comprovar como cada língua faz as suas delimitações da realidade fónica e conceptual de uma maneira própria, arbitrária.

Por exemplo, *beber* e *comer* constituem aquilo que para as línguas indo-europeias designam dois actos completamente distintos. Para o guarani (como é bem conhecido, uma língua sul-americana) tais fenómenos são vistos como um único acto, havendo para a respectiva significação apenas uma palavra. De igual modo enterrar e

semear. Isto que para nós constitui dois estados de coisas, para o guarani é apenas um: *añoti* significa *eu enterro* ou *eu semeio*.

O inverso se passa, por exemplo, com o estado de coisas, uno para nós, que designamos por *ladrar*. Em guarani não existe uma palavra com o sentido com que empregamos a nossa. E assim, se o cão ladra simplesmente, sem qualquer motivo, é um estado de coisas - designado pela palavra *oñaró*; se o cão ladra, mas para avisar qualquer coisa (o que entre nós se pretende significar quando se diz que «*o cão está a dar sinal*»), então, neste caso, para o guarani já é outra palavra: *oguaí*.

É o mesmo fenómeno o referido quando se afirma que os Esquimós não têm uma palavra para designar «*neve*». Têm, no entanto, várias outras palavras que diferenciam o conceito da neve a cair, da caída; da neve mole, da dura; da neve espessa, da que cai em flocos leves, etc. Aquilo que para eles é um conjunto de coisas diferentes, para nós é traduzido por um único significado.

Estes exemplos extremos não se passam apenas entre línguas de sociedades e culturas muito diferenciadas. Mesmo entre línguas culturalmente semelhantes, as palavras, como é bem sabido, não correspondem uma a uma. Que o diga quem se dedica à tradução. As palavras, neste caso **os significados** de uma língua, podem cobrir mais ou menos uma área semelhante de uma outra língua; raramente as áreas são, no entanto, coincidentes.

O fenómeno poderá ser representado por esquemas do género do seguinte:

LÍNGUAS	A	B	C	D

No entanto, esta delimitação ou repartição arbitrária que todas as línguas fazem, também se detecta ao analisarmos certos fenómenos que se passam no interior de cada língua. Perdoe-se o recurso àquilo a que Fernando Pessoa chamava «*a cobardia do exemplo*»: imagine-se que queremos ensinar a alguém, que de repente deixou de ser

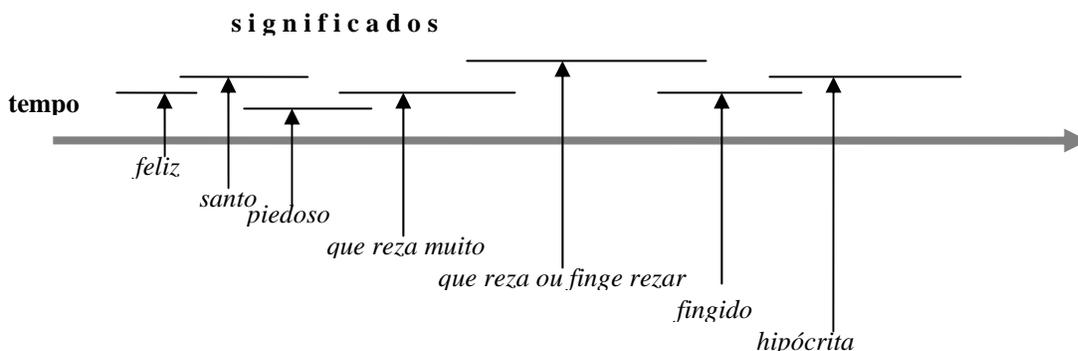
cego, o que era «o *vermelho*». Metíamos-lo num quarto, dando-lhe cem ou duzentos objectos vermelhos. Se posteriormente o puséssemos perante objectos vermelhos, roxos, violetas, azuis, cor-de-laranja, etc., verificávamos que ele não sabia a que objectos poderia atribuir a cor vermelha.

Para que o hipotético sujeito pudesse aprender o que era o vermelho, teríamos que lhe ensinar como é que o vermelho se distingue do roxo, do violeta, do laranja, etc. Só quando começar a entender a relação entre o significado de «*vermelho*» e as outras cores é que poderá compreender o verdadeiro **valor** (ou valores) que aquela cor comporta.

Mas talvez o fenómeno linguístico que melhor mostre a relação arbitrária existente entre as unidades linguísticas seja a evolução semântica. E, neste ponto, a história das línguas fornece-nos elementos abundantes e elucidativos.

Na verdade, uma palavra só pode sofrer aquilo que se costuma designar por **evolução** ou **mutação semântica** porque não há nada de essencial no seu núcleo significativo que tenha que ser conservado. Qualquer palavra pode mudar as suas fronteiras significativas alterando, como consequência deste facto, as relações que mantém com as outras. Isto só é possível porque tal relação não é imposta por nada de extra-linguístico: é uma relação estabelecida pela própria língua, uma relação que é assim, mas que poderia ser de outro modo - uma **relação arbitrária**.

Veja-se, para servir de exemplo, o caso da palavra *beato*. Se pretendêssemos representar, muito esquematicamente, o seu processo evolutivo, poder-nos-íamos servir de um esquema como o seguinte:



Ora como o esquema pretende simbolizar, os núcleos significativos da palavra alteraram-se bastantes vezes; os limites, as fronteiras significativas da mesma palavra fizeram este percurso, mas poderiam não o ter feito. Compare-se com o inglês *silly*: originariamente significava também uma pessoa *feliz, abençoada, piedosa* e depois, pelo séc. XVI, alterou-se para *inocente, indefesa, digna de piedade* e hoje significa *insensata* ou mesmo *estúpida*. Isto prova que as formas linguísticas se organizam e delimitam não de um modo obrigatório e «natural», mas peculiar, **convencional, arbitrário**. Ou seja, os âmbitos e limites de cada forma não pre-existem às línguas, mas são as próprias línguas que os organizam. E organizam como? Naturalmente que cada língua tem uma maneira particular, uma maneira própria de organizar dentro do seu sistema cada forma linguística; um modo de organizar as formas que não é imposto do exterior, que não é intrínseco às próprias coisas (veja-se as diferenças da delimitação das cores em várias línguas), mas é, antes, próprio, particular de cada língua; por conseguinte, um modo **arbitrário** de conceptualizar e organizar a realidade que cada língua abarca.

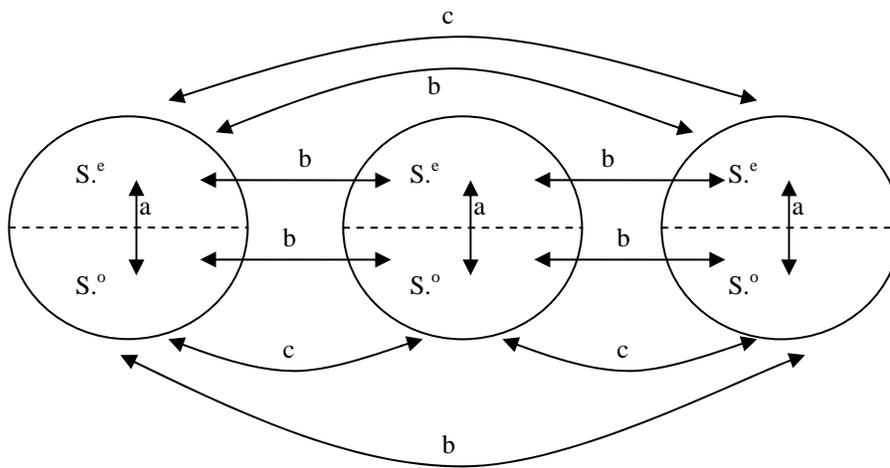
E é este, verdadeiramente, o mais autêntico sentido do conceito de arbitrariedade para Saussure: a língua é arbitrária não só porque não há nenhuma relação natural entre o significante e o significado, como também não há tal relação na estrutura dos significantes ou na organização dos próprios significados. Quer-se dizer que em cada língua a organização dos signos (quer a nível dos significantes quer a nível dos significados) é uma organização que é feita segundo a estrutura X, mas que poderia ser segundo uma outra estrutura qualquer; e a relação entre os elementos dessa estrutura não é imposta por qualquer realidade, mas através de uma organização que a própria língua **arbitrariamente** propõe. Uma língua, no fundo, pode não somente escolher arbitrariamente os significantes que utiliza, como também dividir a realidade significativa (conceptual) da maneira que quiser.

Tullio De Mauro, na introdução que faz na sua edição crítica do *Curso de Linguística Geral* acentua também esta faceta da arbitrariedade saussureana:

«Nella concezione saussuriana della realtà linguistica, (...) l'organizzazione delle significazioni in significati è non meno arbitraria dell'organizzazione delle fonie in significanti» (SAUSSURE 1974:XVII).

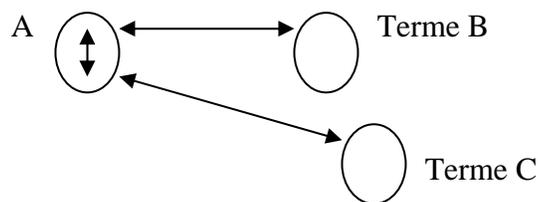
Podemos dizer, resumindo, que além da primeira e mais evidente aceção do conceito de arbitrariedade, que diz que não há relação natural e intrínseca entre

significado e significante, Saussure valoriza sobretudo a outra faceta do mesmo conceito: a de que o signo é essencialmente arbitrário porque as relações que mantém com os outros dentro do sistema, são aquelas, mas poderiam ser outras; tais relações não são necessárias, obrigatórias, motivadas: são **arbitrárias**. Se fizéssemos um esquema:



Repare-se que o conceito de arbitrariedade, enquanto oposto ao de motivação onomatopaica, é dado apenas pelas relações assinaladas com **a**. As marcadas com **b** (que dizem respeito às relações verificadas entre os significantes, por um lado, e entre os significados, por outro) e as marcadas com **c** (referentes às relações dos próprios signos entre si) inserem-se nesta segunda acepção de arbitrariedade.

E se ainda restasse qualquer dúvida acerca desta noção de arbitrariedade em Saussure, bastava verificar o esquema que nas suas notas pessoais aparece e que resume, praticamente, todo o parágrafo intitulado «*Arbitrariedade absoluta / arbitrariedade relativa*». O esquema em questão é o seguinte:



Veja-se como a arbitrariedade que o esquema pressupõe não é a existente **no signo**, mas sim **entre os signos** (*termo A, termo B e termo C*, como surge no esquema).

Aliás, a diferença que Saussure faz entre *arbitrariedade absoluta* e *arbitrariedade relativa* vem-nos confirmar este mesmo conceito de arbitrariedade intersignica, ou seja, a arbitrariedade existente nas relações entre os signos. Só assim se compreende que Saussure afirme que

«vinte é imotivado, mas dezanove não o é no mesmo grau porque evoca os termos de que se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo: dez, nove, dezasseis, etc...» (SAUSSURE 1978:219).

E é nesta perspectiva que se deve compreender o que o Curso saussureano afirma ao dizer que

«os elementos de um signo motivado são, em si, arbitrários» (SAUSSURE 1978:220-221).

Arbitrariedade e valor

Não é difícil ver que esta noção de arbitrariedade acarreta consigo a ideia de que cada unidade linguística depende das relações que mantém com as outras no interior do sistema de que faz parte: quer-se dizer, cada unidade é aquilo que **vale**, ou então, como Saussure gosta de dizer, cada unidade é um **valor**.

Como aparece em alguns apontamentos tirados nos seus cursos, é a arbitrariedade que confere determinado valor a uma forma linguística:

«Le lien qui relie une image acoustique donnée avec un concept déterminé et qui lui confère sa valeur de signe est un lien radicalement arbitraire.» (SAUSSURE 1968:152)

E mesmo na redacção final do *Curso* transparece nitidamente esta implicação entre a arbitrariedade e o valor:

«Esta maneira de encarar o problema ajuda a compreender o que ficou dito (...) sobre a arbitrariedade do signo. Não só os dois âmbitos ligados pelo

linguístico são confusos e amorfos [*Saussure refere-se ao âmbito fonético e conceptual, mais exactamente àquilo que posteriormente Hjelmslev chamará matéria*], mas também a escolha que aproxima um segmento acústico de uma ideia é perfeitamente arbitrária. Se assim não fosse, a noção de valor não estaria completa, pois aceitaria um elemento imposto do exterior. Mas, na realidade, os valores mantêm-se relativos.» (SAUSSURE 1978:192)

Cá está bem explícita a relação entre a arbitrariedade e a noção saussureana de valor.

Há, porém, um facto, aparentemente de pormenor, a que devemos estar atentos: é que este parágrafo deveria, na redacção final do *Curso*, acabar nesta última citação feita, já que é assim que terminam os textos-base que serviram de fonte aos organizadores do legado do linguista suíço.

Todas as fontes (incluindo algumas desconhecidas dos editores da altura) insistem no carácter arbitrário dos valores; ou seja, a noção de valor é, acima de tudo, derivada (porque implicada) pela noção de arbitrariedade.

Em textos correspondentes a apontamentos de outros alunos, apontamentos desconhecidos dos editores, aparece:

«Mais puisque ce contrat est parfaitement arbitraire, les valeurs seront parfaitement relatives.» (SAUSSURE 1968:254)

excerto este que coincide com as outras fontes do *Curso*.

Este conceito de arbitrariedade aponta, evidentemente, para a arbitrariedade das relações **entre as unidades** (ou seja, o valor) e não tanto para a arbitrariedade anti-onomatopaica entre o significante e o significado.

No entanto, ao apresentarem uma conclusão que não aparece em nenhuma das fontes em que se basearam para escreverem o *Curso*, os editores distorcem o conceito saussureano de arbitrariedade. E a última frase deste parágrafo

«por isso a relação ideia-som é radicalmente arbitrária» (SAUSSURE 1978:192)

é nitidamente uma conclusão não pertinente àquele contexto, já que a arbitrariedade que ali Saussure pressupõe é a da relação **signo-signo** no sistema e não a relação **ideia-som** no signo.

Desta noção de arbitrariedade, que implica, como vimos, que as unidades se definam como valores pelas inter-relações que mantêm, decorre necessariamente a concepção da língua como uma «**relação de relações**». Ou seja, se os signos são arbitrários, se cada língua abarca a realidade fonética e significativa de uma maneira própria, particular, **arbitrária**, segue-se, então, que as unidades linguísticas não podem ser independentes umas das outras (até porque são valores), mas a sua existência só é possível num sistema coerente dotado de leis próprias e auto-suficiente. Por isso, a ideia de *sistema*, em Saussure, é uma consequência daquela noção de arbitrariedade.

E só assim, por esta perspectiva, é que deixa de nos causar estranheza que em todas as fontes de que os editores se serviram (e noutras deles desconhecidas) apareça uma nota dizendo, logo no início do capítulo sobre a arbitrariedade, que este mesmo capítulo

«dans son titre pourrait d'abord porter: *La langue comme système de signes*»
(SAUSSURE 1968:152).

Ora, então, se a arbitrariedade implica que cada unidade se defina como um **valor** integrado num **sistema**, segue-se, necessariamente, uma distinção a ser feita: por um lado, há que ter em conta o sistema de valores em si, e por outro, o uso que cada indivíduo faz desse mesmo sistema. É a célebre dicotomia saussureana que separa *língua e fala* (*langue / parole*).

As dicotomias como ilações

Embora no texto do *Curso* não apareça a relação entre esta antinomia *língua / fala* e as noções de «*valor*» e «*sistema*», nas fontes de que se serviram os editores há um grande espaço reservado à explicação dessa mesma relação, o que mostra que também esta oposição saussureana não aparece como um axioma isolado, mas antes numa perspectiva decorrente da noção de *valor* e, mediatamente, da de *arbitrariedade*. Por isso é que, no início desta distinção, Saussure (nos textos-fonte do *Curso*) afirma:

«dans un *systeme* de valeurs (aparecendo *systeme* destacado no texto) qui ne reçoit sa consécration que par la masse, l'instrument n'importe pas, <l'acte> par lequel on produit l'impression acoustique n'importe pas <non plus pour la valeur.>» (SAUSSURE 1968:53)

E talvez seja interessante, a este respeito, reparar numa comparação que Saussure faz (e que nunca aparece na redacção final do *Curso*) relacionando a díade *língua / fala* com a execução de uma obra musical. Diz ele, através dos apontamentos de um aluno (nomeadamente, Emile Constantin):

«<Langue est comparable à une oeuvre musicale.> Une oeuvre musicale n'existe que par la somme des exécutions qui en sont faites. Les exécutions sont indifférentes à l'oeuvre. <Une symphonie est une réalité existante sans son exécution.> De même les exécutions par la parole de ci qui est donné dans la langue peuvent paraître comme inessentielles.» (SAUSSURE 1968: 53-54)

Repare-se como está presente nesta comparação (que pretende ilustrar a antinomia *língua / fala*) a perspectiva da língua como um sistema de valores, ou seja, um sistema de unidades que se definem pelas respectivas relações arbitrárias. Deste ponto de vista, as unidades linguísticas são como as notas musicais em determinada composição: são aquelas, mas poderiam ser outras, ou seja, as suas inter-relações são arbitrárias.

Uma outra das consequências da arbitrariedade do signo linguístico é a díade *diacronia/sincronia*. No próprio *Curso de Linguística Geral* aparece explícita (embora não explicada) tal relação:

«A língua é radicalmente impotente para se defender dos factores que, de instante a instante, desviam a relação entre o significante e o significado. É uma das consequências da arbitrariedade do signo.» (SAUSSURE 1978:136)

Tullio de Mauro na «Introdução» à edição crítica do *Curso* acentua também o facto:

«Dall'arbitrarietà discendono altri due caratteri antitetici della lingua. Anzitutto la sua mutabilità nel corso del tempo.» (SAUSSURE 1974:XVI)

E note-se que a arbitrariedade que implica a separação metodológica da diacronia e da sincronia não é apenas a da relação existente entre o significante e o significado (aquele primeiro conceito mais vulgar de arbitrariedade). Caso assim fosse, a arbitrariedade não admitiria a diacronia. Nas nomenclaturas técnicas e científicas também há arbitrariedade *significante/significado* e a diacronia é não só evitável como até praticamente nem existe.

Por isso, é que dizemos que a noção de arbitrariedade que implica a distinção entre a diacronia e a sincronia é aquela noção mais profunda que Saussure naturalmente tinha sempre presente: as línguas são arbitrarias não apenas porque não são onomatopeizantes, mas sobretudo porque repartem e conceptualizam a realidade de uma maneira própria, particular, **arbitraria**. E por ser assim, é que é possível (e inevitável) que cada língua mude incessantemente as suas fronteiras conceptuais e / ou fónicas. Por conseguinte, necessário será considerar as unidades arbitrariamente delimitadas num estado de língua (sincronia) ou perspectivá-las nas variadas relações que mantiveram ao longo de diversos períodos (diacronia).

Se bem que na redacção final do *Curso* esta relação apenas apareça a florada, se nos detivermos nas fontes dos editores, podemos verificar mais explicitamente como da arbitrariedade decorre a antinomia *estado de língua / mudança linguística*.

Mas, neste ponto, podemos mesmo socorrer-nos das notas de Saussure que Rudolf Engler recolheu. Anotou, a este propósito, o mestre suíço

«l'impossibilité de mener de front ces deux objects: le système de valeurs pris en soi (ou à *un* moment), et le système de valeurs selon le temps.

Quand on arrive aux sciences qui s'occupent de la valeur *arbitrairement fixable* (...), alors la nécessité de distinguer les deux axes atteint le dernier maximum» (SAUSSURE 1968:1978).

Outra antinomia apresentada por Saussure é a que detecta, para o signo, duas espécies de relações: as sintagmáticas e as associativas.

Note-se que, ao contrário do que aparece em muitos livros de divulgação do pensamento saussureano, o linguista suíço não fala de relações sintagmáticas e paradigmáticas, mas, em vez destas últimas, **associativas**. E não é apenas uma diferença de terminologia, mas da própria realidade significada. As relações

paradigmáticas são relações perfeitamente definíveis, no caso concreto, pela comutação. Tal não acontece, como se viu, com as relações associativas. Estas têm muito mais (ou quase tudo) a ver com a língua interiorizada por cada falante. Nas relações associativas entra em jogo o sistema de relações em que **cada indivíduo** insere determinada unidade: ou seja, as associações que a um termo o indivíduo faz.

As relações associativas não são mais do que o resultado das associações arbitrariamente estabelecidas pela língua e pelo indivíduo (ou melhor, pelo indivíduo *na sua língua*).

Por fim, mas não menos importante, uma outra antinomia básica em Saussure: *forma e substância*. Na verdade, esta oposição é consequência do que até aqui foi dito. E nesta perspectiva, também a arbitrariedade joga o papel fundamental, até porque a língua ser forma e não substância é precisamente o resultado do facto de ela ser essencialmente arbitrária.

Senão repare-se: como consequência de ser arbitrária, no sentido de **delimitar arbitrariamente** as «realidades» (conceptuais e fónicas) que utiliza, na língua o que é essencial, o que é peculiar e que a caracteriza, não é tanto essa mesma «realidade» que ela comporta (a substância) mas a **maneira**, o **modo** como a língua organiza (arbitrariamente, claro) as referidas realidades substanciais - quer dizer, o importante, o essencial da língua é a **forma**. Por isso é que Saussure não se cansa de afirmar que «*a língua é forma e não substância*».

Conclusão

Em suma, a mais autêntica noção de arbitrariedade do signo não é somente a negação da motivação onomatopaica. O signo é essencialmente arbitrário porque resulta de divisões arbitrárias de um *continuum*, fónico e significativo; por isso, não é uma entidade autónoma, definida por qualquer espécie de essência, mas apenas pela relação que mantém com as outras no sistema onde existe; daí que o signo se deva definir apenas como um valor que, tal como uma moeda, é independente da substância de que é feito.

E então, porque o signo é, deste modo, arbitrário, um valor, é que é necessário distinguir o sistema de valores em si, do uso que o indivíduo faz desse sistema de

unidades arbitrárias: tal sistema é língua ou *langue*; o uso desse sistema será a fala ou *parole*.

Ora, também, exactamente pelo facto das unidades do sistema serem arbitrárias, é que elas podem mudar o valor que comportam, conforme o estado de língua em que se encontram. Como consequência, terá que se distinguir o sistema arbitrário num determinado estado atemporal, da sua evolução na linha da temporalidade: é a diferença que perspectiva as duas linguísticas diferentes: sincronia / diacronia.

Além disso, além das relações que o signo estabelece na fala com os outros (relações sintagmáticas) é devido ao seu carácter arbitrário que ele pode manter uma infinidade de relações que o podem associar a outros: são as relações associativas.

Como corolário de tudo isto, é que devemos conceber a língua como um puro sistema de relações, arbitrariamente estabelecidas, entre as substâncias do *continuum* fónico e significativo. Por conseguinte, a língua, na sua essência mais profunda, é forma e não substância.

Assim se vê que as tão célebres dicotomias saussureanas não são axiomas isolados sem ligação lógica entre si, mas antes o resultado de um fio condutor, comum a todas elas, que as justifica e explica: a arbitrariedade não simplesmente vista apenas na relação significante / significado, mas de um modo mais profundo na própria relação inter-sígnica.

Só assim se percebe porque é que o linguista suíço dizia, como atrás citámos, que o princípio da arbitrariedade domina toda a linguística da língua e que as suas consequências são inesgotáveis, avisando-nos contudo que,

«só as descobrimos depois de várias tentativas e só então alcançamos a importância primordial do princípio.» (SAUSSURE 1978:125)

Foi exactamente isso que até aqui se tentou demonstrar. Se não se conseguiu, perdoue-se o fracasso, porque o próprio mestre, como ainda agora dissemos, avisara que isso só se conseguiria «depois de várias tentativas». Ora esta foi apenas uma.

BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, Emile (1966), "Saussure après un demi-siècle", *Problèmes de Linguistique Générale*, Gallimard, Paris.

- CALVET, Louis-Jean (1977), *Saussure: pró e contra*, Cultrix, S. Paulo.
- CAMARA JR., J. Mattoso (1979), *História da Lingüística*, Vozes, Petrópolis.
- CARVALHO, J. Herculano de (1983), *Teoria da Linguagem*, 2 vols., Coimbra Editora, Coimbra.
- CULLER, Jonathan (1979), *As idéias de Saussure*, Cultrix, S. Paulo.
- DERROSSI, Giorgio (1965), *Segno e strutture linguistiche nel pensiero de F. de Saussure*, Del Bianco, Udine.
- GODEL, Robert (1957), *Les Sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*, Droz, Genebra e Paris.
- KOERNER, E.F.(1972), *Bibliographia saussuriana*, Scarecrow Press, Metuchen..
- KOERNER, E.F.(1973), *Ferdinand de Saussure: The Origin and Development of his Linguistic Thought in Western Studies of Language*, Vieweg, Braunschweig.
- LEPSCHY, Giulio (1975), *A Lingüística Estrutural*, Perspectiva, S. Paulo.
- LEROY, Maurice (1982), *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*, Cultrix, S. Paulo.
- LOPES, Edward (s/ data), *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*, Cultrix, S. Paulo.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1968), *Cours de linguistique générale*, edição crítica de Rudolf Engler, Otto Harrassowitz, Wiesbaden.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1974), *Corso di Linguistica Generale*, edição crítica de Tullio de Mauro, Laterza, Bari.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1978), *Curso de Lingüística Geral*, D. Quixote, Lisboa.